

1. Apresentação

Este trabalho tem por objetivo pensar a heteronímia em Fernando Pessoa, relacionando-a com a noção de linguagem como *forma de vida* de Wittgenstein. Nossa proposta é identificar no gesto heteronímico uma espécie de extrapolação da ideia de forma de vida wittgensteiniana, tendo em vista o modo peculiar com que o fenômeno tensiona a relação entre linguagem e vida por meio da escrita.

Se de acordo com Wittgenstein “representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida” (PU § 19), desconfiamos que há na construção heteronímica uma extrapolação dessa ideia. A nosso ver, Fernando Pessoa, quando constrói sua obra em torno da despersonalização – que subverte o estatuto tradicional da autoria –, faz mais que meramente representar para si uma forma de vida.

No impulso da palavra lançada ao mundo na forma de poesia, Fernando Pessoa parece estabelecer um laço com a linguagem que incorpora e intensifica a visão de Wittgenstein de que nossas práticas linguísticas estão ancoradas no fluxo da vida. De alguma maneira, fica sugerida a ideia de que o gesto da heteronímia, não faz apenas menção à vida e se coloca no mundo em conformidade com ela, mas cria um laço mutuamente constitutivo com a linguagem, uma vez que a vida, na heteronímia, comparece como linguagem.

Nesse sentido é que compreendemos que Fernando Pessoa mergulha na escrita, constituindo sujeitos poéticos cuja origem não passa pela consideração da sua subjetividade, do seu *cogito*. Antes, a heteronímia surge como fenômeno linguístico que encena, pelo artifício da despersonalização, a escrita como origem. Os heterônimos existem porque escrevem; ou seja, a linguagem é anterior ao fenômeno.

Aqui poderíamos ser tentados a acreditar que, ao consagrarmos a linguagem como espaço de realização da heteronímia, estamos excluindo esta última do fluxo da vida, reificando idealmente a linguagem, cedendo, assim, à

visão que Wittgenstein se dedicou a criticar, remetendo-a a algo aparentado com o plano das ideias de Platão. Contra tal interpretação, pretendemos mostrar que, em Pessoa, a heteronímia não se separa da vida: ao contrário, a linguagem – espaço de seu acontecimento – mantém com a vida laços mutuamente constitutivos.

Esclarecemos: embora a constituição de Caeiro, Campos, Reis, Soares e outros pela linguagem possa aparentar uniformidade, constância e alguma pureza, um olhar mais atento revela que isso não se dá: a linguagem continua opaca, estranha, absurda e em constante aderência às nossas práticas cotidianas. Assim, mesmo que seja forte a tentação de se fazer uma interpretação metafísica da heteronímia, isso fica desconvidado pelo fato de que, ao fim e ao cabo, ela permanece engajada na vida por meio da nossa linguagem.

Assim, a força do acontecimento heteronímico está na maneira como os heterônimos se expressam e se relacionam com o mundo por meio da escrita que são e mais (talvez principalmente): pelo fato de que participam do mundo independentemente das considerações metafísicas que se possa fazer a seu respeito, pois:

A confecção destas obras (heteronímicas) não manifesta um qualquer estado de opinião metafísica. Quero dizer: com o escrever estes “aspetos” da realidade, totalizados em pessoas que os tivessem, não pretendo uma filosofia que insinue que só há de real o haver aspectos de uma realidade ou ilusiva, ou inexistente. Não tenho, nem essa crença filosófica, nem a crença contrária. Adentro do meu mester, que é literário, sou um profissional, no sentido superior que o termo tem; isto é, sou um trabalhador científico, que a si não permite que tenha opiniões estranhas à especialização literária, e que se entrega. (...) A questão está num plano onde a especulação metafísica, porque não entra legitimamente, escusa de ter estes, ou aqueles caracteres. Como o físico não tem metafísica no seu laboratório, e a não tem o clínico nos diagnósticos que faça, não porque não a possa ter, mas porque assim o problema metafísico *meu* não existe, porque não pode, nem tem que existir adentro das capas destes meus livros de outros. (OPr, “Um criador de mitos”, 1986, p. 84)

O *ser escrita*, ou melhor, o existir pela escrita poética é o laço da heteronímia. Não é de outra forma que compreendemos José Augusto Seabra quando afirma que toda a dimensão da heteronímia na obra de Fernando Pessoa é definida não somente pela diversidade de assinaturas em que se manifesta, mas, rigorosamente, pelos sujeitos poéticos constituídos na pluralidade da própria poesia (Seabra, 1991, p. 3). Ora, os heterônimos – conforme defendemos – *são* à medida que se inscrevem escrevendo poesia. O seu existir constitui-se como gesto de construção

de linguagem poética. Sem linguagem poética, não há heteronímia. Nesse sentido é que se pode falar em sujeito poético – expressão que tomamos de empréstimo a Seabra quando defende que: “o que dá toda a sua dimensão [da heteronímia] à obra de Fernando Pessoa é não somente a diversidade de assinaturas em que se manifesta, mas, rigorosamente, dos sujeitos poéticos na pluralidade da própria poesia” (1991, p. 3). Este se forma na tessitura do texto, não sendo anterior a ele, mas construído simultaneamente no ato de escrita.

Por meio da heteronímia, Fernando Pessoa cria uma constelação de autores cujas obras, distintas entre si, revelam concepções estéticas e de vida cujo modo de se integrar no mundo passa pela consideração de que há algo na maneira como eles se constituem que lhes garante estatuto ontológico. E esse existir que subjaz ao gesto heteronímico refere-se à criação de uma natureza aparentada com a nossa. Sendo assim, a distinção que se impõe entre os heterônimos não passa apenas pelas notas biográficas produzidas para cada um deles, mas, sobretudo, pela autonomia conferida a eles pelos diferentes modos como a linguagem se manifesta (Ferraz, 2004, p. 4).

Assim, ao lado da questão do sujeito poético, surge o problema da autoria que se coloca aqui, portanto, como um norte e um limite. Afinal, como se concebe um autor que é fonte, e não origem de sua escrita?

Conforme já assinalamos, o heterônimo estabelece com a linguagem uma relação especial. Ele se constitui a partir dela. A heteronímia é, reiteramos, um gesto de linguagem. É palavra lançada no mundo e tornada ação; ou seja, é efeito de linguagem sobre o mundo.

Mas que efeito seria esse? O de aproximar, na sua maneira de se construir, as tensões entre linguagem e vida, fornecendo a nós – leitores – contato com um tipo de literatura que promove um acordo de afinidade com o mundo, acolhendo-o, em um movimento duplo de adesão à vida e interrogação e experimentação da condição humana. Esse mesmo movimento encontraremos também em Wittgenstein, cuja filosofia envolve um gesto duplo de acolhimento e interrogação do mundo, que se funda não em uma separação entre um sujeito cognitivo e um mundo objetivo, mas pressupõe uma adesão aos jogos de linguagem que constituem o mundo, levando em conta suas regras mas de forma sensível à sua sensível plasticidade:

Podemos muito bem imaginar que pessoas se divertem num campo jogando bola e de tal modo que comecem diferentes jogos existentes, não joguem muitos deles até o fim, atirem a bola entrementes para o alto ao acaso, persigam-se mutuamente por brincadeira, atirando a bola, etc. Então alguém diz: durante todo o tempo aquelas pessoas jogaram um jogo e se comportaram, a cada jogada, segundo determinadas regras.

E não se dá também o caso em que jogamos e – *make up the rules as we go along*? E também o caso em que as modificamos – *as we go along*. (PU §83)

Em sintonia com a perspectiva de Wittgenstein, a linguagem em Fernando Pessoa se mostra enquanto gesto. Não é a linguagem reificada que nos remete à tradição metafísica ocidental. Ao contrário: como se disse, em Fernando Pessoa, a linguagem é um acontecimento, participa das nossas práticas humanas, colocando-se em concordância com a instabilidade relativa dos sentidos que nos cercam. Desse modo é que compreendemos o índice performativo da heteronímia.

Enquanto exploração das potências dramáticas da linguagem, que cria um espaço para a encenação dos seus próprios problemas, a linguagem poética participa da vida e não apenas nos diz algo sobre ela. Sob esse aspecto é que acreditamos que a heteronímia parece nos dizer: “A linguagem poética faz algo. Vejam.”

Essa é a tônica da nossa empreitada: ver como a linguagem poética de Fernando Pessoa *atua* por meio da heteronímia e nos permite compreender o jogo que se instaura na sua elaboração, para além de uma apropriação das ferramentas linguísticas, mas principalmente como instituição de maneiras de ser e estar no mundo pela linguagem – modos de ser e estar que mantêm vínculos indissolúveis com modos de agir, estando aí o índice performativo na heteronímia.

Os heterônimos, de fato, não se limitam a declarar sua visão acerca do mundo. Na maneira como se articulam na fronteira entre o texto e o autor, eles realizam atos, dramatizando formas de ser pela linguagem poética. A ação dramatizada na heteronímia configura-se enquanto ato de criação de personagens que se constituem escrita poética. Se Wittgenstein entende que conhecer uma língua é tomar parte em uma forma de vida, Pessoa parece *instaurar* uma nova forma de vida: o acontecimento heteronímico. Assim como Wittgenstein observou a respeito da grandeza de Shakespeare, Pessoa também criou, como num sonho, algo “inteiramente falso, absurdo, composto” e, contudo, “inteiramente verdadeiro” que, por ser “elaborado desta estranha maneira”, nos marca e

impressiona, pois nos deslocam com a força de “sua própria linguagem e o seu próprio mundo” (VB p. 122)

* * *

Este estudo buscará aproximar Fernando Pessoa e Wittgenstein, a fim de investigar algumas afinidades eletivas que se sugerem em suas obras, tendo como norte a tensão entre linguagem e vida condicionada pela heteronímia e pela possibilidade de lê-la a partir da ideia de forma de vida. Nossa escolha se justifica pelo interesse que há em ouvir ao mesmo tempo estas duas importantes vozes do século XX, cuja atualidade se faz sentir na fecundidade de suas influências na contemporaneidade.

A tese se organiza da seguinte forma. O capítulo 2 apresenta sinteticamente alguns aspectos da filosofia de Wittgenstein que terão relevância especial na discussão subsequente. O capítulo 3 discute o pensamento sobre a linguagem presente na obra de Fernando Pessoa, enfatizando as questões do *dizer* e do *sentido*, como horizontes para aproximá-lo de Wittgenstein. No capítulo 4, buscaremos descrever uma certa visão dos fazeres poético e filosófico em ambos os pensadores, mostrando como ambos tematizam a poesia e a filosofia como formas ou inflexões do pensar. Por fim, no capítulo 5, voltamos nosso olhar para o fenômeno heteronímico, tendo em vista o seu modo particular de realização por meio de uma escrita e relacionando-a ao conceito de *forma de vida*.

Levando em consideração o fato de que “[a] natureza da linguagem determina tanto o que se pode quanto o que não se pode fazer com ela” (Pears, 1973, p. 14), mas que esses limites não são fixos, gostaríamos de interrogar com nosso trabalho: o que de vida – acostuada e desacostuada – comparece na poesia de Fernando Pessoa?

Acreditamos que um caminho de resposta está no acontecimento heteronímico, que evoca uma potência vital na maneira como cria formas de vida radicais cuja origem está na escrita, constituindo autores que se confundem com o próprio texto, não em uma perspectiva determinista, mas de modo mais profundo, em um movimento performativo de indistinção entre linguagem e vida.

Como esperamos ter deixado claro, neste percurso não desejaremos propor outra alternativa de interpretação metafísica, em que consideremos ser gerada uma vida ideal pela escrita heteronímica. Ao contrário. Algo nos leva a crer que

comparece ali um tipo de experimentação da vida possível pela própria natureza da linguagem que cria mundos, constitui personalidades, revela formas de vida que por ela se expressam. Trata-se de resistir à tentação de encontrar um fundo que justifique o acontecimento heteronímico como expressão de uma essência oculta revelada na figura dos heterônimos. Procuraremos, então, ter como norte a advertência de Wittgenstein de que “[l]á onde nossa linguagem autoriza a presumir um corpo, e não existe corpo nenhum, lá desejaríamos dizer, existe um *espírito*.” (PU § 36), uma vez que nossa leitura busca se afastar da lógica que se limita ao binômio interior-exterior para abordar o fenômeno.

No que se segue, buscaremos estar mais atentos e sensíveis à conhecida subversão de Goethe, em passagem do *Fausto* que Wittgenstein cita em *Cultura e Valor* (p. 53): “[n]o princípio era o ato” (*Fausto*, quadro IV, cena I).